

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-001 A / B

Entrevistado: José Fernandes Dutra

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 12/09/2006

Horário da entrevista: 14h15min

Duração da entrevista: Tempo total: 1h25min21seg – DVD / A: 1h02min11seg – DVD / B: 23min10seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Eder Donizete de Melo (monitor). **Intervenções:** Rafael de Almeida Santos, Mateus Brandão.

Gravação das entrevistas:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Solano Soares (EMVIDEO)

Assistentes: Rafael de Almeida Santos, Rosilene Magda Figueiredo (monitores)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 06/10/2006

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 01/11/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg, Josanne Guerra Simões

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

[DVD A]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo?

José Dutra – José Fernandes Dutra.

Keka Simões – O senhor tem algum apelido?

José Dutra – Zeca Dutra.

Keka Simões – Por quê?

José Dutra – Desde menino...

Keka Simões – Como o senhor prefere ser chamado?

José Dutra – Qualquer um dos dois.

Keka Simões – Então vou chamá-lo de Senhor Zeca.

José Dutra – Sim. Está certo.

Keka Simões – Onde o senhor nasceu?

José Dutra – Eu sou de Furquim¹.

Keka Simões – Qual é a data de nascimento do senhor?

José Dutra – Trinta de maio de 1919.

Keka Simões – Como se chamavam seus pais?

José Dutra – José Pereira Dutra e Emília Martins Dutra.

Keka Simões – Em que eles trabalhavam?

José Dutra – O meu pai era agricultor e minha mãe era doméstica.

Keka Simões – Ele tinha uma rocinha, um sítio?

José Dutra – Tinha, tinha sim. Tinha sítio.

Keka Simões – Em Furquim?

José Dutra – Em Furquim.

Keka Simões – O senhor tem ou teve irmãos?

José Dutra – Nós somos 13.

Keka Simões – Qual é o nome deles?

José Dutra – Todos?

Keka Simões – Daqueles que o senhor se lembrar.

José Dutra – Raimunda Pereira Dutra, Maria Pereira Dutra, Ana Pereira Dutra, Alice Pereira Dutra, Joaquim Pereira Dutra, Francisca Pereira Dutra, José

¹ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

Fernandes Dutra – que sou eu –, Osvaldo Pereira Dutra, Abílio Pereira Dutra, Antônio Pereira Dutra e Luisa Pereira Dutra.

Keka Simões – Em que eles trabalhavam? Algum trabalhou na ferrovia?

José Dutra – Eu e outro irmão, Antônio Pereira Dutra, trabalhamos na ferrovia. Ele tem o apelido de Toninho.

Keka Simões – O senhor falou que seu pai tinha um sítio e que trabalhava na agricultura. Ele vendia o que produzia?

José Dutra – Lá, a profissão dele era fazer telha, tijolos. Na ocasião de plantio, ele movimentava no plantio da roça.

Keka Simões – Ele fazia telha...

José Dutra – Ele fazia telha para vender, para trazer para Furquim, e levava para Acaiaca².

Keka Simões – Como ele levava e trazia?

José Dutra – No burro, no balaio de burro. Levava 50 telhas.

Keka Simões – O senhor trabalhou em algum outro local antes de trabalhar na ferrovia?

José Dutra – Antes, em Furquim, eu trabalhei na Força e Luz de Mariana. Depois, em primeiro de fevereiro de 1943, entrei para a Estrada de Ferro Central do Brasil.

Keka Simões – O que o senhor fazia na Companhia Força e Luz?

José Dutra – Trabalhava de cantoneiro lá na máquina...

Keka Simões – De quê?

José Dutra – Cantoneiro. Fazia o terno³ de serviço lá na máquina. E no dia em que eu não estava de serviço, em que estava de folga, eu atendia particulares que me chamavam, quando dava defeito.

Keka Simões – Como o senhor foi trabalhar na ferrovia?

José Dutra – Foi em uma ocasião de barreira, de muita queda de barreira. O mestre-de-linha⁴ aqui era um português, Figueiredo⁵. Ele foi a Furquim juntar pessoal de Furquim [inaudível] Mariana. Era para entrar 20: ficaram 10 aqui e 10 para entrar lá. Eu entrei no meio daquela turma lá. Quando nós estávamos

² Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

³ Equipe de trabalho.

⁴ Profissional responsável por comandar as equipes de um determinado trecho.

⁵ O entrevistado não mencionou o nome.

na fila, ele, que era um português muito franco, gritou: “Próximo! Antônio de Souza”. Quando Antônio de Souza [inaudível]: “Ô, Zeca Dutra!” [inaudível]. Quando olhou, ele falou assim com Antônio de Souza: “Ô, Antônio! Menino não!” Antônio de Souza falou: “Seu Figueiredo, esse aí é o segundo Pedro Marcelino”. O Pedro Marcelino ia entrar uns dias antes de mim, não é? Toda vida eu fui pequeno. [risos]

Keka Simões – Por que o senhor foi trabalhar na ferrovia?

José Dutra – Foi o serviço que apareceu. A gente fazia plantio e fazia telha, na ocasião da seca. Nós estávamos em época da chuva. Entrei na turma de barreira e daí eu fui seguindo aqui.

Keka Simões – O senhor poderia falar dos cargos que ocupou? O que o senhor foi fazer quando entrou? Em seguida, o que fez?

José Dutra – Entrei na turma de barreira. Passei para a turma de alvenaria. Da turma de alvenaria... O Nicanor me requisitou para trabalhar com ele aqui, como auxiliar de mestre-de-linha.

Keka Simões – Nicanor?

José Dutra – É. Era o carioca. Veio do Rio⁶ para tomar conta aqui.

Keka Simões – O senhor se lembra do sobrenome dele?

José Dutra – Nicanor Ferreira da Cruz. Então, da turma de linha fui para o escritório trabalhar com Nicanor. Depois passei para o escritório da Residência⁷, que era Ouro Preto. A Residência em Ouro Preto ia a Ponte Nova⁸, indo para dentro – seria até Engenheiro Corrêa⁹ – e para a linha de Lafaiete¹⁰ ia até Joaquim Murtinho¹¹. Em uma ocasião, o Nicanor, mestre-de-linha, pediu para trabalhar na turma dele, de alvenaria. Eu falei: “Não. Eu não mando em mim. Para passar a trabalhar na turma de alvenaria é [o Elídio]¹²

⁶ Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

⁷ Órgão executivo dos serviços de conservação da Via Permanente de determinados trechos de via férrea, superintendido por engenheiro.

⁸ Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁹ Distrito de Ouro Preto, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁰ Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹¹ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

com o engenheiro”. O mestre-de-linha [Elídio]¹³ me requisitou e acabei indo para o escritório. Depois, com o tempo, o pagador era na Maria Fumaça¹⁴, no trecho, não é?

Keka Simões – O quê?

José Dutra – O pagamento da Rede¹⁵ era feito na Maria Fumaça.

Keka Simões – Como o senhor falou? Pagador¹⁶?

José Dutra – É. Pagava uma vez por mês. Vinha do Rio. O Doutor Hélio¹⁷ falou com chefe de escritório em Ouro Preto... Eu tinha arranjado o [carro]¹⁸ para o chefe, para ele e para o chefe do escritório. Ele falou: “Oh, eu quero que o Dutra vá fazer o... Na ocasião do pagador, ele acompanha”. Aí o Nilson¹⁹ falou assim: “Doutor Hélio, esse Zeca Dutra é muito encrenca²⁰!” Ele falou: “Não é não. Ele é positivo”. E eu fui, entrei e, no primeiro dia de pagamento, tive que suspender um pagamento. [riso]

Keka Simões – Por quê?

José Dutra – Não! Comigo não tinha... Eu tinha honra! Um companheiro nosso estava internado na Santa Casa, em Ouro Preto. O irmão dele era chefe, trabalhava na Estação como agente e fazia... “Eu vou receber o pagamento de Agenor”. Falaram assim: “Olha, é Zeca Dutra quem está acompanhando. Esse Zeca Dutra é encrenca.” “Não. Eu vou receber o pagamento”. Quando nós chegamos a Ouro Preto, o [inaudível] falou: “Ô, Zeca Dutra! Eu vou lá no beco”. E o Damásio²¹: “Eu vou tomar café”. Eu fui para o escritório lá em cima. Ele falou: “Oh! Ademir falou que vai receber o pagamento de Agenor.” “Do sistema ele sabe como é que o Damásio...” Quando ele entrou na fila, o Damásio estava assim... Você tinha que entregar o comprovante e o Damásio tinha que ler alto para a gente ouvir a... Todo mundo estava lá, a turma toda lá fora, quando Damásio gritou assim: “Agenor Fernandes!” Eu falei: “Damásio, este senhor não é portador deste documento, não”. [riso] Damásio falou: “Uai²²?

¹³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁴ Apelido de locomotiva movida a vapor.

¹⁵ Rede Ferroviária Federal S/A.

¹⁶ O trem pagador transportava os salários dos funcionários.

¹⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁰ Encrenca, neste caso, significa indivíduo que cria problemas.

²¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²² Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

Você não é portador?” “Não. É meu irmão”. O Damásio: “Isto não é seu?” “Não”. Pegou o cheque: “Ô, Dutra! Depois você vai resolver este caso”.

Keka Simões – É Tomásio?

José Dutra – Tomásio. O pagador pegou o cheque, guardou. Agora falou com ele: “O seu”. Ele deu assim, o Damásio... É Damásio. O Damásio falou assim: “Ademir Fernandes!” “É portador”. Pagou o Ademir, que saiu. A turma chateou, não é? Eu tive que suspender. Suspendi um pagamento aqui e outro em Ponte Nova. Sempre dava encrenca – o sujeito perder o documento e o outro receber, entrar e receber, não é? E não teve muito roubo na ocasião de pagador, não.

Keka Simões – O senhor falou que passou para a turma de alvenaria e depois foi seguindo. O que a turma de alvenaria fazia?

José Dutra – Construía casa. Esse prédio grande que tem aqui é construção da turma de alvenaria²³. É um dos grandes prédios da Rede. Hoje, parece que a Prefeitura pegou isso para... Está com o pessoal da polícia municipal, não é? Mas isso aí era... Em Mariana era ponto de destacamento²⁴. O pessoal vinha de Ponte Nova, vinha de Belo Horizonte²⁵, vinha de todo lado e pernoitava aqui. Os cômodos são grandes, com quatro camas embaixo e quatro em cima. Na ocasião que eu... Resolvi criar um posto médico para... “Ô, Zeca Dutra! Você não vai conseguir cômodo.” “Ah! Eu vou pegar dois desses cômodos do destacamento.” “Tá. Mas o engenheiro não vai ajeitar isso aí.” “Agora vamos ver. Vamos arriscar”. Eu sou muito... Como político toda vida fui [inaudível]. [riso] Consegui. Doutor Bernardo²⁶, em Belo Horizonte, e Doutor Austregésilo Mendonça²⁷, que foi nosso candidato a deputado federal... Eu cheguei para conversar com Doutor Austregésilo. Ah! Consegui o cômodo, que foi partido: capa de cangalha é como se chama isso. A porta era no meio.

Keka Simões – Como se chama?

José Dutra – Essas construções que são assim, só assim²⁸, chamam-se capa de cangalha.

²³ Refere-se ao galpão localizado na Estação. Atualmente, está ocupado, parcialmente, pela Guarda Municipal.

²⁴ Grupo de funcionários destacados para atividades em turnos diferentes.

²⁵ Capital de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²⁶ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁷ Austregésilo Ribeiro de Mendonça exerceu dois mandatos como deputado federal.

²⁸ Indica com as mãos um telhado de duas águas.

Keka Simões – Capa de cangalha?

José Dutra – É. Só tem a porta no meio. Aquela outra porta que está do outro lado ali – depois eu te mostro²⁹ – foi criada... “Mas como é que o senhor...?” “Não! Vou arranjar com o Doutor Bernardo. Você sabe que o Doutor Bernardo é muito positivo, você vê a fama dele. Não, para mim não tem disso. Nós vamos tratar do assunto. É o coletivo, para o bem da comunidade e dos ferroviários”. Consegui! Dei um jantar no Hotel Silva, Hotel Muller³⁰. Consegui três leitoas que, na hora, ficaram de orelha em pezinha assim, na mesa. O doutor [inaudível] falou: “Olha, nunca participei de uma dessas assim. Esse Zeca Dutra é chato!” Ah! Ajeitei tudo! Depois fomos cair... Você vê que eu estive de vereador aqui durante 14 anos, não é? Água tratada para Mariana... Conhece Passagem³¹?

Keka Simões – Conheço.

José Dutra – Conhece a ETA³² da Passagem? Já foi lá? Não é um serviço?

Keka Simões – É.

José Dutra – Aquilo foi implantado por mim.

Keka Simões – Pois é. O senhor falou que, antes de vir para Mariana, o senhor trabalhou na Estação de Furquim.

José Dutra – Não.

Keka Simões – Não?

José Dutra – Vim direto para uma turma volante...

Keka Simões – Para cá.

José Dutra – Ficamos em Ribeirão do Carmo³³. [Sediado]³⁴ em Ribeirão.

Keka Simões – Depois de Ribeirão do Carmo...

José Dutra – Aí fui saindo. Cada hora eles me pegavam para um lado. Então o mestre-de-obra [falou]³⁵: “Mas eu queria que o senhor...” O Nicanor pediu para trabalhar com ele aqui. “Olha, nesse caso, o senhor tem que conversar com

²⁹ O entrevistado refere-se à entrevistadora Keka Simões.

³⁰ Hotel Silva e Hotel Muller são, na verdade, o mesmo hotel, cujo nome foi alterado. Localiza-se no centro de Mariana, próximo à Estação Ferroviária.

³¹ Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

³² Estação de Tratamento de Água.

³³ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

³⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

[Elídio]³⁶. Ele é o mestre-de-obra”. [Com Elídio]³⁷ vai conversar com o engenheiro. Se ele autorizar...” “Ô, Seu Nicanor! Se ele autorizar, eu venho trabalhar aqui com o senhor”. Aí eu vim trabalhar aqui, em Mariana, com Nicanor.

Keka Simões – O senhor lembra a data?

José Dutra – Não, não, não. Eu entrei em 1947. Não! Em dois de fevereiro de 1943. Aposentei-me em 11 de março de 1983. Minha certidão de serviço dá 37 anos e 167 dias, com um dia de perda.

Keka Simões – Nossa Senhora, hein? O senhor trabalhou muito!

José Dutra – Era... Eu gostava do serviço, não é?

Keka Simões – Como o senhor ia para o local de trabalho? O senhor morava aqui perto? Como era?

José Dutra – De Furquim, todo sábado a gente vinha e voltava. Depois, eu passei a trabalhar como mestre-de-linha e morava em Mariana mesmo, em uma guarita ali embaixo. Tinha um cômodo ali também que tinha que ter...

Keka Simões – Pertencia à própria Estação?

José Dutra – À própria Estação. Daí eu fui para Ouro Preto. Depois a Leopoldina³⁸ encampou o trecho de Ponte Nova a Miguel Burnier³⁹. Doutor João Bosco⁴⁰ e Doutor... Levaram-me para Ponte Nova. E Doutor João Bosco falando: “Eu quero que ele venha trabalhar aqui”. Já estava no trem, já cabia a fama, não é? Eu acompanhava o pagador, fazia parte do pagamento. “Esse Zeca Dutra é chato mesmo! Esse negócio dele ficar brincando com todo mundo aí... Mas na hora do serviço dele...” Em Ponte Nova, tive que suspender um pagamento. [riso] O sujeito pegou o cheque do companheiro dele para receber. Quando deu o cheque lá: “O moço para receber no lugar de Antônio Sabino aí”. Antônio Sabino morava em Mariana e trabalhava em Ponte Nova; eu morava na casa de Antônio Sabino, em Mariana. Quando deu o pagador, o pagador gritou assim: “Antônio Sabino!” Eu falei: “Damásio, este senhor não é portador deste documento, não”. Aí o Damásio: “Olha aqui. O senhor não é portador deste documento?” “Não, mas ele é meu chefe.” “Quem vai resolver o caso

³⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁸ A Estrada de Ferro Leopoldina encampou este trecho na década de 1970.

³⁹ Distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁴⁰ O entrevistado não mencionou o nome completo.

dele é Dutra”. Depois, fomos resolver o caso; ele encostou lá... Eles falaram assim: “Nós falamos com você que não ia dar. Esse Zeca Dutra tem esse negócio de ficar brincando com todo mundo, mas na hora do serviço ele é chato mesmo!” Não é ser chato, é ter linha. Então nesse negócio... Você vê que em Mariana eu estive de vereador durante 14 anos. Fazer o posto médico da Rede e o da Prefeitura, que não tinha, tudo foi comigo.

Keka Simões – Na ferrovia, tinha horário para descanso? Qual era o horário de trabalho?

José Dutra – Ah, tinha horário! Tudo tinha horário. Eram oito horas. Agora, oito horas dependendo da espécie do serviço. Nós tínhamos serviço de 24 horas; nessas 24 horas, trabalhavam três ternos de oito horas. Onde tinha que virar um terno, um dos empregados trabalhava 16 horas e virava o terno. Eu também trabalhei muito de terno, na Usina de Furquim: eu virava dois ternos.

Keka Simões – Durante essas oito horas, tinha intervalo para descanso?

José Dutra – Uma hora de refeição: 45 minutos para o almoço e 15 para o café.

Keka Simões – Quem fornecia esse almoço?

José Dutra – Todo mundo levava comida.

Keka Simões – Levava de casa?

José Dutra – É, de casa.

Keka Simões – O senhor tinha direito a férias?

José Dutra – Eu trabalhei de 1943 a 1950 sem direito a um dia de férias. Lembra a ditadura nossa? Quem era o ditador?

Keka Simões – Getúlio Vargas⁴¹.

José Dutra – [riso] Getúlio.

Keka Simões – Aí não tinha férias?

José Dutra – Não. Mas aquelas greves que davam... De vez em quando parava em Belo Horizonte: greve. Depois voltava. Mas uma greve em mil novecentos e... Em fevereiro de 1950, ela pegou tudo. O trecho, aqui em Mariana, parou tudo, tudo. Nessa greve nós... Eu trabalhava como operário de

⁴¹ Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (Rio Grande do Sul) em 19 de abril de 1883. Foi chefe do governo provisório depois da Revolução de 1930, presidente eleito pela Assembléia Constituinte em 17 de julho de 1934, até a implantação da ditadura do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937. Deposto em 29 de outubro de 1945, voltou à presidência em 31 de janeiro de 1951, através do voto popular. Em 24 de agosto 1954 suicidou-se, em meio a uma grave crise institucional.

obra. De 1943 a 50 não tinha um dia de férias, nem os companheiros. Nessa aí, passou todo mundo a mensalista. Aí eu passei. Minha matrícula é: 497795. Hoje, tem um traço assim e um quatro. Depois eles criaram, na frente, 22 mil: 22497795-4. Eu fui pela matrícula do Rio. Quando eu ia para o Rio... Eu era chato mesmo! Dentro da lei, isso eu falo. No Rio, aqueles cariocas que me conheciam falavam: “Esse cara de Minas⁴² aí, esse Zeca, esse Dutra, esse Zeca Dutra é chato para danar!” Tinha que andar tudo na linha! Quando estava no serviço, nunca quis fazer parte do sindicato. Servidor público não podia fazer parte do sindicato. Por lei, não podia. Então, o presidente do sindicato do Rio falou assim: “Ô, Zeca Dutra!” – [Fuad]⁴³, aqui de Ponte Nova – “Entra para o sindicato.” “Eu não posso. Eu sou servidor público. Servidor público não pode fazer parte.” “Ô, Zeca Dutra! Você nos ajuda demais!” “Eu não ajudo. Vocês me perguntam as coisas. Se eu sei, eu falo como é”. Em 1957, Juscelino Kubitschek⁴⁴, que foi um dos grandes presidentes da República, para mim... Eu estou falando que foi para mim, porque para os outros, às vezes... Política é um trem⁴⁵ danado! Juscelino passou a Estrada de Ferro Central do Brasil para Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, em 1957. Ao passar, o [Fuad]⁴⁶, lá em Ponte Nova... Eu tenho que telefonar hoje ainda para [Fuad]⁴⁷, porque estou guardando um negócio aí. Ele falou: “Ô, Zeca Dutra! Você agora faz parte do sindicato.” “Agora eu faço”. Então, naquela coisa, uma porção de empregados nossos daqui saíram e foram para Belo Horizonte, não é? Queriam ficar pertencendo ao trecho aqui e a Leopoldina encampou. Eu não fui para Belo Horizonte. “Ô, Zeca Dutra! Você não vai para Belo Horizonte?” “Não!” “Mas esse pessoal da Leopoldina é muito chato!” “Não! Cada um faz do jeito deles. Eu os acompanho. Com quem eu for trabalhar, vou seguir o que me mandar fazer. Se eu estiver de acordo, eu vou; se não estiver, a gente tem que conversar para ver. Às vezes não dá certo, não é?” Mas fica esse trecho aí de Ponte Nova... Indo para Ponte Nova todo dia e voltando. Depois teve três vezes Doutor Hélio me levou para Ouro Preto; trabalhava no escritório. Esse foi

⁴² Minas Gerais.

⁴³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁴⁴ Juscelino Kubitschek de Oliveira foi Presidente da República de 1956 a 1960, quando se iniciou a implantação da indústria nacional de automóveis e caminhões, priorizando a malha rodoviária em detrimento das ferrovias.

⁴⁵ Trem, neste caso, foi o termo usado em substituição à palavra coisa.

⁴⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁴⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

um tempo do meu serviço emprestado no trecho do Rio para Ponte Nova, andando com os... Todo mês eu tinha que ir ao Rio. No começo, ia pelo noturno: saía de Mariana, ia para Belo Horizonte, entrava no noturno e ia para o Rio. Tinha passe. Depois, passei a ir pela rodovia porque era mais rápido.

Keka Simões – O senhor falou da greve de 1950, a partir da qual os senhores começaram a ter direito a férias. O senhor participou da greve?

José Dutra – Tive que participar. Deu greve, teve que parar todo mundo. Aquele que trabalhasse estaria furando a greve. Quem queria furar a greve? Ninguém! [riso]

Keka Simões – Depois que o senhor começou a ter férias e nas suas folgas, o que o senhor gostava de fazer com a família? O que era diversão, para o senhor?

José Dutra – Em Furquim, diversão era ir para o mato pescar, pegar passarinho.

Keka Simões – E em Mariana e Ouro Preto?

José Dutra – Em Mariana, nada. Ficar zanzando aí pela rua. Por exemplo, hoje: acha que eu vou sair pela rua à noite? Por necessidade eu saio a qualquer hora da noite. Mas sair em Mariana hoje está um perigo! Está contaminada de... Nossa Senhora! Agora, eu dou razão. Muitas pessoas que fazem determinadas coisas... Não está nelas, está na falta de emprego. Agora, por exemplo, o Getúlio. Getúlio, não. O Lula⁴⁸. Você, que é uma pessoa nova e inteligente⁴⁹, votou em Lula, não é?

Keka Simões – Votei.

José Dutra – Zeca Dutra nunca! Quatro vezes, nunca! “Ô, Zeca Dutra! Em quem você vai votar?” “Ah! Eu vou votar no candidato Fulano de Tal.” “E Lula?” “Pelo amor de Deus! No ABC⁵⁰ foi um criador de problemas. Constantemente eles estão em greve. Eu não vou...” Eu até fico admirando o Lula hoje; você vê a simplicidade dele. Eles falam: “Lula não sabe de nada”. Pronto. [riso]

Keka Simões – O senhor falou que hoje a cidade está violenta, que está difícil sair à noite. Quando jovem, o senhor saía à noite?

⁴⁸ Luís Inácio Lula da Silva, Presidente da República em 2002, reeleito para um novo mandato em 2006.

⁴⁹ O entrevistado refere-se à entrevistadora Keka Simões.

⁵⁰ O Grande ABC paulista equivale à Sub-Região Sudeste da Metrópole paulistana, que continua sendo a área mais industrializada do Brasil; tem uma população de quase dois e meio milhões de pessoas, em sete municípios: Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. Na virada da década de 1970, Lula foi líder sindical e líder grevista na região do ABC.

José Dutra – Saía. Nossa Senhora! Quando eu era novo, eu não perdia um baile nesses matos! [riso] A todo lugar eu ia. E tocava tudo quanto era instrumento. Tocava tudo. Eu era... Já fui, já fui chato mesmo!

Keka Simões – O senhor tocava instrumentos?

José Dutra – Tocava.

Keka Simões – Olha! O senhor ia aos bailes para tocar?

José Dutra – Não. Ia...

Keka Simões – Para dançar?

José Dutra – É. E cantava. Não tem um negócio de cantar candonga⁵¹? [riso] Eu era um cantador de candonga e, digo mesmo, afamado no trecho. [risos] Eu sei o que eu já fui: chato mesmo! Mas hoje, com esta minha idade – 87 anos –, tem que acomodar, não tem? [riso] Peça a Deus para ele te levar com esses anos todos do Zeca Dutra!

Keka Simões – Na ferrovia, o senhor tinha algum benefício ou auxílio? Os funcionários tinham?

José Dutra – Tinham. Quem estivesse trabalhando, ganhava a diária conforme a escala dele, não é? Se estivesse morando em uma localidade, aí não tinha...

Keka Simões – Aí não tinha.

José Dutra – Não.

Keka Simões – E havia ajuda, por exemplo, no caso de alguém doente? Alguma coisa assim?

José Dutra – Ah! Eu era um dos pivôs para ajudar! Levava gente doente para Belo Horizonte e ia buscar e... Eu não sabia como eu entrosava tanto! Muitas... Eu tenho uma mania de levar as coisas assim na parte da brincadeira; outras coisas, não. Então, eu tinha essa facilidade.

Keka Simões – Mas se o senhor tivesse que levar alguém... Se fosse funcionário da ferrovia, a ferrovia pagava médico ou não?

José Dutra – Nós tínhamos médico. Olha, nós criamos um posto médico aí.

Keka Simões – Tudo aqui.

José Dutra – Antes, era em Lafaiete, não é? Era bem atendido. Agora, sempre tem que ter um para pilotar, como se diz. E eu sempre fui o piloto dessa turma.

⁵¹ Sinônimo de jongo, uma manifestação cultural surgida no meio rural brasileiro, cuja origem remonta às danças e comemorações dos negros bantos escravizados.

Se me chamassem lá em casa a qualquer hora da noite... Não tinha, não! Eu saía para atender uma pessoa em qualquer lugar.

Keka Simões – O senhor trabalhou na administração e na turma da alvenaria. Quais outros cargos existiam na Rede? Quem trabalhava na Estação com o senhor?

José Dutra – A ferrovia é dividida em três partes: locomoção é o pessoal de máquina; tráfego é o pessoal de estação; Via Permanente é pessoal que trabalha conservando a linha. Nessa Via Permanente vem o pessoal de obra: pedreiro, carpinteiro, tudo.

Keka Simões – Tudo na Via Permanente?

José Dutra – É. Eles estão na função deles. Por exemplo, soldador. Tinha, não é? Em Ouro Preto tinha oficina. Tinha tudo, tudo, tudo, em Ouro Preto. Agora, o que eu vejo aí... É lamentável o que está acontecendo, mas como o país está meio desequilibrado... O mensalão⁵², vocês já ouviram falar dele, não é? Você não quer fazer parte, não? [riso] O mensalão. Aí esse outro... É tanto lugar que os políticos... Tanto que está difícil um desses nossos antigos políticos candidatar e se eleger. Está difícil. Está pegando menino novo, como esses dois aí⁵³!

Keka Simões – O senhor falou das três áreas. Sobre o tráfego, o que ele fazia e qual era o nome dos cargos de quem estava nessa área?

José Dutra – No tráfego tinha um engenheiro-chefe de Belo Horizonte. Agora, aqui, na Estação de Mariana, havia os agentes⁵⁴ com sua equipe. O chefe-de-estação⁵⁵ comandava. Na Via Permanente nós tínhamos o engenheiro. De distância em distância tinha a turma com seu feitor. A turma de alvenaria trabalhava no trecho; corria tudo. Eu participei de turma de alvenaria. Tinha ocasião em que eu estava em um lugar... Estive uns dias trabalhando em Engenheiro Corrêa. Quando passaram todos a mensalista, em 1950, me levaram para trabalhar na turma em Honório Bicalho⁵⁶, quase chegando a Belo

⁵² O termo "mensalão" entrou para o vocabulário político brasileiro a partir da entrevista concedida, no dia seis de junho de 2005, pelo deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) ao jornal **Folha de São Paulo**. Na ocasião, ele contou um suposto esquema de pagamentos mensais a deputados do PP e do PL, no valor de R\$ 30 mil, em troca de apoio político em votações no Congresso Nacional.

⁵³ Refere-se aos monitores Eder Donizete de Melo e Rafael de Almeida Santos.

⁵⁴ Agentes-de-estação, profissionais responsáveis pelas atividades relacionadas à venda de passagens.

⁵⁵ Profissional responsável por coordenar as atividades realizadas em uma estação ferroviária.

⁵⁶ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

Horizonte, a última Estação do dia. Entrei lá e fui morar em uma casa – Deus e eu – que estava desocupada, sozinho. “Ô, Zeca Dutra! Você não tem medo de dormir aí?” “Eu não durmo sozinho. Deus e eu, não é?” E dormia, fazia tudo. Então eu nunca tive dificuldade, porque medo – graças a Deus! – eu nunca tive. Não fui valentão, não fui brigador. Preso, eu só estive três vezes. [riso] Mas tinha que ir, não é? Três vezes preso aqui, por necessidade. Mas, para conviver com o pessoal, toda vida eu tive essa facilidade.

Keka Simões – O senhor falou que em 1950 todos passaram a mensalistas, recebendo por mês. Como era antes?

José Dutra – Era por mês também, mas...

Keka Simões – Mas não tinha férias, não tinha nada.

José Dutra – Não. Era operário de obra. O título nosso era operário de obra.

Keka Simões – O senhor falou que na Estação tinha o chefe, não é?

José Dutra – Na Estação já não tinha operário de obra. O trabalhador entrava como guarda-chave. Ele ia praticando na agência; quando entendia mais, ele já estava sendo agente, não é? Dependia da pessoa.

Keka Simões – Qual era a função do guarda-chave?

José Dutra – O guarda-chave... Por exemplo, vem um trem de Ouro Preto para Mariana: ele ia lá na chave receber, para desviar aquele trem para uma linha que estivesse vaga. Era assim.

Keka Simões – Entendi. E telegrafista, quem fazia esse...

José Dutra – Telegrafista dava a licença, pelo telegrama. Ouro Preto... Hoje acabou; hoje, pelo seletivo, é fácil. Tudo fácil, demais da conta.

Keka Simões – Pensando nas três áreas, qual era o número aproximado de funcionários que trabalhavam por aqui?

José Dutra – Ah! Não podia ser muito. Era de acordo com o... Por exemplo, na Estação, o agente fazia a escala do dia; acabou a do dia, fazia a da noite. E na Estação... Por exemplo, no Furquim, só se trabalhava de dia; à noite, não tinha trem de passageiro. Quando tinha um trem de carga para vir de Ponte Nova a Mariana, ele já dava a licença de Ponte Nova a Mariana. À noite, vinha direto.

Keka Simões – Vinha direto? Não parava lá?

José Dutra – Não.

Keka Simões – Existia algum tipo de regulamento que deveria ser seguido pelos funcionários?

José Dutra – Ah, tinha! O regulamento era duro mesmo!

Keka Simões – O senhor se lembra de algumas normas que os funcionários tinham que seguir?

José Dutra – O funcionário tinha que obedecer ao seu chefe imediato, não é? O feitor da linha... A turma da linha – sete, oito homens – tinha o feitor: o feitor era só para comandar ali. E tinha... A disciplina era outra! Com o decorrer do tempo, foi modificando e muitos... Hoje está difícil, está difícil mesmo! E emprego, eu acho que é a coisa mais difícil. Se não mudar a Constituinte⁵⁷... Tem que ter uma reforma na Constituinte, para valer! Você sabe para quê? Para tirar esse esconderijo de homens que [inaudível] com a esposa, com o filho mais velho, não é? Fica trabalhando outra vez. Quer ficar trabalhando no meio da turma. Trabalhando não! Quer ficar ali, pegando o lugar de um novo. O que o presidente da República tem que fazer... Com o Lula não vai dar! Ele não sabe de nada...

Keka Simões – O senhor falou que a disciplina naquela época era diferente, não é? Tinha mais disciplina...

José Dutra – Mas muita...

Keka Simões – Por acaso, se alguém fizesse alguma coisa errada, tinha penalidade?

José Dutra – Tinha, tinha!

Keka Simões – Qual?

José Dutra – Punia dias. Suspendia de serviço. Dava uma punição.

Keka Simões – O senhor sofreu alguma penalidade?

José Dutra – Sofri três dias de punição. Aí, que briga... Aí deu para... Zeca Dutra é chato mesmo! Três dias de punição apareceram na minha ficha. De 10 em 10 anos, o funcionário público tem direito a seis meses de licença especial. Apareceu uma punição na minha ficha de três dias, me tirou... Por três vezes, eles vieram do Rio para eu assinar a punição com doutor... [riso] Aí, o Doutor Hélio falava assim: “Esse rapaz é muito difícil. Ele não vai assinar isso, não. Eu não sei... Ele é esclarecido. Ele não é... Ele não aceita mesmo”. Um dia...

⁵⁷ Refere-se à Constituição Brasileira, que pode ser modificada pela Assembléia Constituinte.

Depois, o Correio veio pela terceira vez: “Ô, Seu Zeca Dutra! O senhor não assina?” “Não! Aqui, tenha paciência, rapaz! Você acha que eu sou catita? Não sou catita, não! Eu não fiz nada! Quem fez foi aquele homem lá de Itabirito⁵⁸, Agenor. Agenor... Antenor”.

Keka Simões – Ah! Então outro é que tinha feito alguma coisa?

José Dutra – É, e colocaram na minha ficha. “Não! Não assino!” “Então você vai para o Rio”. Fui ao Rio, quando eu estava em serviço, no mês [inaudível]. Começou a falar comigo. Depois entrou o outro, [inaudível]: “Esse mineiro é chato mesmo! Ele falou que não assina”. O outro de lá respondeu umas coisas cá para o cara e eu falei: “O senhor não quer passar para cá, para a gente ver com quem está falando? Eu estou ouvindo a voz do senhor, mas eu queria ver quem é a pessoa que está falando comigo. O senhor acha que eu vou assinar isso aqui? Não! Eu sei do caminho de Brasília⁵⁹. Eu vou a Brasília. E não assino”. Sabe o que aconteceu? Desistiram da punição. Não era minha! Eu não podia... Se eu assinasse, o que eu seria? [inaudível]

Keka Simões – Tinha algum tipo de uniforme que os funcionários usavam?

José Dutra – Tinha, tinha.

Keka Simões – Como era? O senhor lembra?

José Dutra – Era uniforme [comum]⁶⁰. A linha tinha o seu uniforme, mas era muito difícil usar, não é? Agora, na Estação, todos os agentes tinham que trabalhar de gravata.

Keka Simões – De que cor era a roupa?

José Dutra – Ah! De cor eu não me lembro. Mas sei que tinha que trabalhar com uniforme de cor. Tinha uniforme de cor.

Keka Simões – E gravata... Usava-se boné?

José Dutra – Usava-se boné. Muito... A linha era dura. Por exemplo, em Mariana, Joaquim Gomes foi chefe-de-estação, morou lá onde eu moro, na casa onde estou hoje. Ele era aquele tipo de sujeito sistemático e usava corretamente a coisa e era... Eu gostava dele, daquele seu modo, não é? Agora, não topava muito é... Como chefe querer ser um pouquinho violento com os subordinados, não é? Muitos eram. Por exemplo, eu nunca fui de

⁵⁸ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁵⁹ Capital do país, localizada no Distrito Federal.

⁶⁰ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

aceitar... Nunca! Eu não andava armado, porque se eu errasse, teria que concordar. Pronto. Mas essa punição, não assinei. Nesse do Rio, quando eu... “Não, eu não vou assinar mesmo. Está decidido! Vocês já foram a Minas por três vezes e eu não assinei. Agora, não vou assinar.” “Mas nós punimos você!” “Quem? Eu vou para Brasília, viu? Chegar a Minas... Me dá uma punição aí, porque, quando eu chegar lá, vou ao palácio do Presidente”. [riso] Toda vida fui, fui... Aqui, acabou, desistiu da... Não era minha. Eu não podia aceitar, podia?

Keka Simões – Não podia. Senhor Zeca, quando vocês trabalhavam na ferrovia, vocês tinham algum apelido, alguma frase, alguma coisa para falar sobre a Estação? Por exemplo, um senhor que eu entrevistei falou que o passe que os senhores tinham era chamado de careta⁶¹.

José Dutra – Tinha passe-careta sim.

Keka Simões – Em alguma outra coisa vocês colocaram apelido, como o careta? Tinha alguma outra coisa assim?

José Dutra – Não, não lembro. Mas tinha passe-careta. Eu mesmo usei muito aquilo.

Keka Simões – Esse passe era só para os senhores que trabalhavam ou a família também tinha direito?

José Dutra – Só para quem... Só para o empregado. Agora, a família tinha direito ao passe: tantos passes por semana, por mês. Acho que era um número de quatro. Você fazia a requisição e o chefe autorizava.

Keka Simões – Vamos falar um pouquinho do espaço da Estação. Como era o espaço físico aqui? O que tinha na Estação de Mariana? Tinha o prédio: o que funcionava nele?

José Dutra – Logo ali, na entrada do meio, a agência, a bilheteria. Na parte daqui⁶² era a sala do agente. O armazém de cá era armazém de depósito; o outro era de despacho.⁶³ Quem despachava o fazia naquele primeiro lá, naquela primeira porta. E toda carga que vinha para Mariana era depositada na parte de cá.

⁶¹ Passe que dava direito à gratuidade no transporte ferroviário aos funcionários da ferrovia. Por possuir uma foto do funcionário, apelidaram-no de “careta”.

⁶² Refere-se ao lado esquerdo da Estação.

⁶³ Em conversa com o entrevistado após a entrevista, ele esclareceu que a última porta à esquerda do prédio era o armazém de exportação, e a última porta à direita do prédio era o armazém de importação. Atualmente, funcionam a Sala Multiuso e a Biblioteca, respectivamente.

Keka Simões – Esses dois armazéns funcionavam naqueles prédios atrás do prédio da Estação ou era dentro do prédio?

José Dutra – Não. Ligados ao prédio, não é? A agência funcionava no meio.

Keka Simões – Então ficava no meio daquela coisa ali?

José Dutra – É.

Keka Simões – Qual era o horário de funcionamento da Estação? Vinte e quatro horas?

José Dutra – Vinte e quatro horas. Agora, durante as 24 horas, na parte da noite, menos pessoas trabalhavam, não é? Era só um agente e o guarda-chave. Um guarda-chave, um manobreiro, que era o [inaudível] e o outro companheiro dele que era o guarda.

Keka Simões – Então tinha o guarda-chave e o manobreiro?

José Dutra – O manobreiro.

Keka Simões – O manobreiro manobrava o trem?

José Dutra – Tudo. E o guarda-chave é..

Keka Simões – Virava a chave.

José Dutra – Virava. Então, o manobreiro manobrava... E tinha o agente de pernoite, só para atender... Quem não tinha... Durante a noite não tinha movimento de passageiro. Agora, quando corria trem de passageiro de Belo Horizonte a Mariana... Tinha aquele que saía de Belo Horizonte na parte da tarde e chegava aqui às 11 horas da noite, e saía às cinco daqui para lá. E saía um para Ponte Nova e vinha de Ponte Nova para cá.

Keka Simões – Só funcionário podia entrar no prédio da Estação ou outras pessoas também tinham acesso? Como era?

José Dutra – Na hora de embarcar, no horário, tinha o torniquete⁶⁴. Você comprava a passagem. A passagem tem aquele... Carimbava. Toda vez que você passava, batia uma...

Keka Simões – E cobrava a cada vez?

José Dutra – Todos... Vendeu a passagem... Todos que passavam ali... Passou, teve passagem... Sabia... Quando o trem ia embora, era só ir lá e ler quantos passaram. Agora, quem ia... Quem não tivesse passagem passava cá pela portinha. Era muito...

⁶⁴ Roleta.

Keka Simões – Só para despedir?

José Dutra – Era. Era parente que ia levar passageiro. Levar e buscar, não é? Tinha, tinha a passagem livre. Tinha o guarda que dava...

Keka Simões – Sobre esses armazéns, Senhor Zeca, que tipo de mercadoria normalmente chegava e ficava depositada?

José Dutra – Toda mercadoria, o comércio todo.

Keka Simões – O comércio todo da cidade?

José Dutra – Tudo, tudo, tudo. Agora, de acordo com a mercadoria, o agente tinha que separar. Mas tudo.

Keka Simões – E o que normalmente saía daqui para ser despachado para outros lugares?

José Dutra – Aí já era muito diferente, não é? Para sair daqui... Já era menos. Agora para mim... O comércio todo comprava fora, vinha pela ferrovia.

Keka Simões – Mas o senhor se lembra de algum tipo de coisa que saía mais?

José Dutra – Não, não. Era o comércio dos municípios que vinham e compravam em Mariana. Era mesmo... Os fornecedores daqui forneciam... Por exemplo, Mariana tinha fornecedor que vendia tanto para os negociantes de Furquim, que vinham aqui comprar. Era bem organizado.

Keka Simões – Um funcionário específico trabalhava nesses armazéns?

José Dutra – Chamava-se guarda-armazém. Trabalhava aí, para despachar e para receber.

Keka Simões – Mas era o mesmo funcionário?

José Dutra – Era o mesmo funcionário. O guarda-chave era diferente. O guarda-chave era só para fazer as manobras dele lá.

Keka Simões – Pagava-se alguma taxa para utilizar os armazéns?

José Dutra – Não. Vinha mercadoria e ficava tudo... Agora, quando a mercadoria chegava, os agentes tinham que procurar saber quem era portador, o dono daquilo, para poder comunicar para vir buscar, não é?

Keka Simões – Qual era o horário de funcionamento dos armazéns? Tinha um horário específico?

José Dutra – Durante o dia. Era muito difícil fazer à noite. Sempre fazia... Por exemplo, Ponte Nova tinha pernoite, não é? Aqui também tinha. Mas é sempre... Não tinha movimento para pegar esse pessoal para...

Keka Simões – O senhor falou que, à noite, normalmente ficavam três pessoas aqui. A segurança da Estação era feita por essas pessoas ou havia guardas?

José Dutra – Eles, eles... Não tinha guarda, não.

Keka Simões – Sobre as casas de moradia pertencentes à Estação, o senhor sabe mais ou menos quantas casas havia aqui em volta...

José Dutra – Aqui em Mariana?

Keka Simões – É.

José Dutra – Nós tínhamos seis casas.

Keka Simões – Eram todas iguais?

José Dutra – Olha, ali embaixo⁶⁵ há duas casas iguais. Tem diferença uma da outra, porque uma era do feitor e outra, do trabalhador.

Keka Simões – Que diferença era essa?

José Dutra – Ah, o prédio! Tinha uma diferença bem boa.

Keka Simões – É? De tamanho?

José Dutra – De tamanho mesmo ela tinha sim.

Keka Simões – De material?

José Dutra – É. Agora, na construção... Bom, ela podia ser menor do que a outra, mas na... O mestre-de-obra tinha esse cuidado de construir bem construído.

Keka Simões – Quais funcionários podiam morar nessas casas?

José Dutra – O pessoal da linha. Eu não tinha direito porque trabalhava no escritório, mas depois veio o direito para mim.

Keka Simões – E então o senhor morou?

José Dutra – Eu não tinha, mas eu pagava. Aí veio o direito. Eu morei lá... Aquela casa minha... Eu fui uma encrenca nessa ferrovia! Se quisesse fazer coisa que não... Eu tive que ter... Eles entraram na Justiça para me tirar daquela casa. Foi uma parada, foi uma parada torta! “Vai tirar Zeca Dutra da casa!” “Por quê?” Entraram na Justiça. Um dia, estou lá em casa e chega o... Como se chama esse moço que mexe com o juiz? Oficial de Justiça. O oficial de Justiça chegou onde eu estava morando. Chegou e falou assim: “Ô, Zeca Dutra! Você mora aqui?” “Moro.” “Eu estou com um negócio aqui para você

⁶⁵ Refere-se a uma área próxima à Estação Ferroviária de Mariana, onde a entrevista foi realizada.

assinar.” “Vai me dar dinheiro ou você está querendo...” [riso] Eu já estava sabendo da armadilha dele. Ele falou: “Não. Você vai sair desta casa em 15 dias.” “Uai! Tá doido! E minha família?” “Não, Zeca Dutra. Tem um negócio aqui. Mas, Zeca Dutra, espera aqui. Você tem o direito de recorrer”. Falei: “Então, eu tenho que assinar?” “Tem. Sua esposa tem que assinar.” “Oh! Espera aqui!” – eu falei. “Não entra com a minha esposa no meio dessa dança⁶⁶. Sou eu que vou assinar. Ela não! A minha esposa é diferente. Quer dizer que é para me retirar em 15 dias?” “É. Você vai assinar”. Eu falei assim: “Quantas vias você tem aqui?” “Tantas.” “Eu vou assinar e você vai deixar uma comigo?” Ele falou assim: “Vou. Ô, Zeca Dutra! Eu te conheço. Eu sei o que você é.” “Eu vou ler tudo direitinho...” Em 15 dias, se eu não tomasse providência, eu seria despejado. Então, assinei. Minha esposa não, viu?

Keka Simões – O senhor ganhou a casa? O senhor ganhou na Justiça.

José Dutra – Sabe o que aconteceu? Quinze dias para sair da casa. Assinei. “Quer dizer que eu tenho 15 dias? Se eu ficar quieto, no décimo sexto vocês podem...” “Ah, posso! Ô, Zeca Dutra! Você é chato, eu te conheço.” “Não. Pode deixar por minha conta”. Sabe o que fiz? Eu já tinha a documentação toda correta, porque eu mexia... Por exemplo, você está morando na casa da Rede; ao sair, eu tinha que fazer o termo de desocupação. Essa menina⁶⁷ aqui ia entrar e eu tinha que fazer o termo de ocupação. Ao sair, você tinha que reparar. Mas ela, que queria entrar logo em seguida, falava assim: “Ô, Zeca Dutra...” [inaudível] “Eu vou para a casa sem reparar.” “Então você vai aceitar?” Falava com o mestre: “Olha, ela aceita”.

Keka Simões – Isso quando era da...

José Dutra – Da Central⁶⁸.

Keka Simões – Da Central? Quem entrasse, na hora da saída, tinha que assinar?

José Dutra – Tinha, tudo. E eu mexia com isso. Aí você sabe o que aconteceu? Nesse negócio deles falarem que o... O oficial de Justiça chegou para mim e falou: “Mas sua esposa tem que assinar.” “Ah! Tenha paciência, rapaz! Você acha que eu vou deixar minha esposa... Complicar a situação...

⁶⁶ No sentido de situação complicada.

⁶⁷ O entrevistado confunde-se, pois nesta passagem ele se refere ao monitor Eder Donizete de Melo.

⁶⁸ Estrada de Ferro Central do Brasil.

Não! Eu vou assinar, sou eu o empregado. E a cópia minha, tem?” Ele falou assim: “Tem... [riso] Vou destacar uma para você”. Assinei, falei: “Aqui...” A primeira bordoadada que eu dei... Não é Zeca Dutra falando não... Quando Dom Luciano⁶⁹ veio para cá, eu era provedor da Irmandade⁷⁰. Ele tomou grande confiança comigo, Nossa Senhora! Quando eu chegava para falar com ele... Ele falou com a irmã lá: “Oh! Quando chegar esse Dutra, manda entrar. Se eu estiver deitado, manda me chamar”. Eu admirava Dom Luciano! Então, assinei, peguei aquele documento, tudo que eu tenho... Até estou lendo nesses dias, porque estou com um problema... Aí Dom Luciano... Contou para ele que falou assim: “Espera aí! Tem qualquer coisa... Vocês estão mexendo é com a Rede?” “Ô, Dom Luciano! Eles querem fazer meu despejo lá da casa. Depois eu vou trazer aqui para o senhor ler”. Quando ele leu, falou assim... Sabe o que aconteceu? Ele foi para o Rio. O presidente da Rede no Rio, no gabinete dele, se comunicou comigo, aqui em Mariana, por telefone. Eu tive um telefonema de Brasília e dois do Rio. A última do Rio foi do... Eu cheguei e [inaudível] falou assim: “Uai! Você já sai andando cedo.” “Ah, mas tem que andar, não é?” “Aqui, o que está acontecendo? Tem um telefonema do Rio para você.” “Quem é?” “Uma mocinha telefonou e disse que o presidente da Rede quer te falar”. Aí eu falei: “Espera aqui”. Peguei meu telefone e toquei para lá: “Alô!” Aquela vizinha, uma mocinha falou assim: “Alô! De onde fala?” Eu falei: “Aqui fala do Estado de Minas, cidade de Mariana, José Fernandes Dutra”. Ela falou comigo assim ao telefone: “Zeca Dutra!” “Ô, menina!” – já a chamei de menina – “Você já sabe o meu apelido aí?” “O presidente da Rede te conhece.” “O que ele está querendo comigo?” “Olha, hoje é 14, não é?” Eu falei: “É.” “Dia 22 vai dar em uma sexta-feira. Ele pergunta se você pode vir aqui no dia 22.” “Pode falar com ele que, se não acontecer algum empecilho para me impedir, eu posso”. Fui, fui. Mas foi uma bordoadada também, arrasei tudo! Hoje eu tenho a minha casa... Ainda hoje, fui ao cartório para ver se tem alguém com essa confusão de... Veio uma licitação pública. Uma coisa correta, não é? O sujeito arremata... Essa menina⁷¹ arrematou na licitação pública; aquele lá, que é mais esperto⁷²,

⁶⁹ Dom Luciano Mendes de Almeida, Arcebispo da Arquidiocese de Mariana de 1988 a 2006, ano de sua morte. Presidiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de 1987 a 1994.

⁷⁰ Até o momento, não foi possível saber a qual Irmandade o entrevistado se referia.

⁷¹ O entrevistado confunde-se, pois nesta passagem ele se refere ao monitor Rafael de Almeida Santos.

⁷² Refere-se ao monitor Eder Donizete de Melo.

ficou e não foi, quer passar... Ah! Tem aí... Casa arrematada em licitação pública e nos trambiques deles... Ainda ontem... Estou lendo o nome – Doutora Maria Auxiliadora de Abreu Dutra... Lá de Campos⁷³, esse processo, não é?

Keka Simões – Quantos cômodos tem a casa onde o senhor mora até hoje? Internamente, como é dividida?

José Dutra – Oito. É bem feita. A casa... Aqui é a casa. De lá até aqui, há três cômodos, três quartos: um quarto para o casal, um quarto para os filhos e um quarto para as moças. Agora, ali dá na sala de lá, tem a sala de jantar e tem a instalação sanitária. É muito bem controlado.

Keka Simões – Tinha quintal?

José Dutra – Quintal... Essa casa onde moro tem um... Nossa Senhora! Tem tanta gente doida para pegar essa casa!

Keka Simões – O senhor plantava ou planta muita coisa lá?

José Dutra – Ah, planta! Meu negócio lá é tinindo!

Keka Simões – Ah, que bom! E o dormitório? O senhor já me falou um pouco do dormitório, dos quartos, não é?

José Dutra – Quatro quartos. Este é um quarto, quatro camas: duas lá, duas cá e cama em cima de... Oito.

Keka Simões – Oito camas.

José Dutra – Oito camas. Era grande. Então...

Keka Simões – Qual funcionário dormia nesses dormitórios?

José Dutra – O pessoal da locomoção que vinha de Ponte Nova para cá, que vinha de Belo Horizonte para cá. Aqui era um ponto do... Em Mariana... E havia seis banheiros, o banheiro com instalação sanitária e o banheiro... Ao trazer esse posto médico aí, eu pedi: “Eu quero um quarto daquele lá. Vou dividi-lo ao meio para o consultório médico e para a sala de espera. E fica lá a instalação sanitária e um chuveiro”. Foi o que fiz. Agora, hoje a Prefeitura está aí, não sei como é que está... Mas tem rolo aí, porque muitos já arremataram, não têm documento e estão todos enrolados. Eu tenho toda a minha documentação.

Keka Simões – No dormitório os quartos eram todos iguais. Não tinha diferença.

⁷³ Campos de Goitacazes, município do Rio de Janeiro, por onde passava um trecho da Linha do Litoral, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina e, posteriormente, à Rede Ferroviária Federal S/A. Possuía uma estação ferroviária.

José Dutra – Não. Todos com um só padrão. Só que eram quatro camas embaixo e quatro em cima.

Keka Simões – E roupa de cama, essas coisas?

José Dutra – A Rede dava. Dava uma roupa de cama, o colchão e a cama.

Keka Simões – Lençol...

José Dutra – O empregado levava a dele. Cada um levava a sua.

Keka Simões – Entendi. E tinha algum regulamento para o uso do dormitório?

José Dutra – Tinha. Muito.

Keka Simões – Tinha hora de entrar? Como era?

José Dutra – Tinha hora de... Silêncio, limite, dureza mesmo, porque o maquinista fez aqui um pernoite de Belo Horizonte. Ele fez o pernoite, ele não dormiu, não é? Ele chegava e tinha que descansar. Então, ele chegou aqui de madrugada; de manhã tinha que manter o silêncio.

Keka Simões – Tinha alguém para vigiar ou...

José Dutra – Tinha, tinha, tinha.

Keka Simões – Tinha um funcionário?

José Dutra – Tinha um funcionário para tomar conta. Agora a escala... Naquele... Na ponta de lá, foi construída uma outra para a escala. Com o tempo, quando o [Helvécio]⁷⁴ entrou aí...

Keka Simões – Quem?

José Dutra – [Helvécio]⁷⁵. O dormitório era separado e ele ligou e fez a coisa. É uma coisa muito confusa; ela foi para a Justiça na licitação pública e foi arrematada. Nos trambiques que eu falo, não é? Tem confusão danada.

Keka Simões – O que é escala?

José Dutra – Lá, nós fazíamos a escala para outro: “Ô, Zeca Dutra! Você vai fazer o trem tal assim, assim”. Então lá se chamava escala. “Oh! Você foi à escala hoje?” “Fui.” “Meu nome está lá?” “Está. Eu vi. Você vai fazer o trem tal assim, assim”. O outro não precisava vir.

Keka Simões – Então era onde se colocava para todo mundo saber?

José Dutra – Colocava para todo mundo. Ia lá, via, falava: “Ele vai, ele vai fazer”.

Keka Simões – O senhor já falou do trem pagador, não é?

⁷⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁷⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

José Dutra – Pagador.

Keka Simões – Quais tipos de trem trafegavam aqui neste trecho?

José Dutra – O normal era trafegar uma máquina com cinco vagões: duas classes de primeira, duas de segunda e o carro do Correio⁷⁶ (a metade do carro era o chefe-de-trem e a metade era o Correio). Naquela ocasião fazia-se o Correio pela ferrovia, muito bem organizado.

Keka Simões – Esse é o trem passageiro?

José Dutra – É. Era o trem passageiro. Agora, conforme a capacidade da máquina para correr com mais unidade, esse trem passageiro podia pegar um carro de mercadoria que tivesse nessas cidades... Trazer de Ponte Nova para cá... Eles podiam pôr, para completar.

Keka Simões – O senhor falou do vagão de primeira e de segunda classe, não é? Que diferença havia entre um e outro?

José Dutra – Nos bancos.

Keka Simões – O banco da primeira classe era melhor?

José Dutra – De primeira classe era de madeira; o outro era de almofada.

Keka Simões – O de primeira classe...

José Dutra – Era de almofada. O outro era de madeira.

Keka Simões – E como era montada a composição? O que vinha depois da máquina?

José Dutra – [Engatando]⁷⁷ o carro, ele... Os carros tinham aquele... Por exemplo, a máquina vai para Ouro Preto; virava-se a coisa para cá. Se ela voltava de Ouro Preto para aqui, o carro não virava; você só ia e virava a bancada. A bancada é que fazia o giro.

Keka Simões – Mas vinha... O carro de primeira classe vinha logo depois?

José Dutra – Não. O carro de primeira classe vinha por último. Agora, se tivesse um carro de carga, um vagão que precisasse trazer, por exemplo, açúcar... Ponte Nova fazia: “Ah, não! Pode levar. A máquina tem capacidade para levar”. Eu vejo essa máquina⁷⁸ correndo aí... Eu vejo que ela tem, acho, cinco rodas. A nossa linha tem 3%, mais de 3% [de aclividade]⁷⁹. E nessa linha, tem lugar aí que o raio da curva tem 80; é fechado. Então, para subir essa

⁷⁶ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

⁷⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁷⁸ Refere-se à locomotiva utilizada pelo Trem da Vale.

⁷⁹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

máquina não tem condições; tem para descer. Tanto que ela está... Dizem que ela está quebrada, não é?

Keka Simões – Ela está em manutenção. O senhor falou do trem passageiro. Tinha trem de carga. Como eram os vagões?

José Dutra – Tudo, tudo de carga. Quando se falava “Vai sair um trem de carga para Ponte Nova com tantos vagões” era só... Agora, o misto era aquele que podia pôr um carro de carga no meio, não é? O misto tinha duas... Tinha carro de passageiro de primeira e carro de segunda.

Keka Simões – Antes da entrevista, o senhor falou com a gente a respeito de um armazém volante. Qual é a história do armazém volante?

José Dutra – O armazém volante saía do Rio, vendendo para todo mundo.

Keka Simões – Para todo mundo sem ser da Estação? Parava nos lugares?

José Dutra – Não. Para o pessoal da linha. Mas muitos empregados faziam os tais trambiques, não é? Aquele menino lá⁸⁰ era particular e eu era empregado. Ele falava assim: “Oh! Compra para mim no seu nome”. E eu comprava e passava para ele. Isso se chama trambique, não é? É o que Zeca Dutra fala... Não precisa... Zeca Dutra não faz trambique por quê? Não aceita. Eu mais João Ramos⁸¹... Briguei muito com João Ramos. João Ramos era da Esquerda e eu era da Direita⁸². João Ramos entrava com um projeto bom para a comunidade. Só porque eu sou da Direita eu vou votar contra? Eu ficava quietinho assim. O presidente da Câmara⁸³ falava assim: “Ninguém vai usar a palavra. Em votação! Quem for a favor permaneça como está”. Eu ficava sentadinho, os outros levantavam. “Ô, Zeca Dutra! Você votou a favor?” “Não, isso é em benefício da...”.

Keka Simões – Esse armazém, Senhor Zeca, vendia o quê? Mantimento?

José Dutra – Tudo. Mantimento. Tudo, tudo, mantimento.

Keka Simões – O preço era melhor?

José Dutra – Era sim. Até roupa se vendia. Não! Era organizado mesmo.

Keka Simões – Isso foi ainda na época da Central ou depois?

José Dutra – Da Central. Uma vez por mês.

Keka Simões – Quais funcionários viajavam no trem?

⁸⁰ Refere-se ao monitor Rafael de Almeida Santos.

⁸¹ João Ramos Filho, ex-prefeito de Mariana.

⁸² Facções políticas tradicionais de Mariana.

⁸³ Câmara Municipal.

José Dutra – Nesse armazém?

Keka Simões – Não, no geral. Quais funcionários eram necessários?

José Dutra – O chefe-de-trem, o guarda-freio⁸⁴, o maquinista e o auxiliar de maquinista.

Keka Simões – O chefe-de-trem olhava a passagem?

José Dutra – O chefe-de-trem comandava. O maquinista comandava a máquina e o chefe-de-trem mandava em tudo.

Keka Simões – Como era a locomotiva, a máquina? O senhor pegou a Maria Fumaça ou não?

José Dutra – Não. Essa Maria Fumaça nossa aí... Eu vejo... Não sei o que está acontecendo com essa Maria Fumaça. Ela não sobe, não puxa; ela vai rebocada, a outra vai empurrando⁸⁵.

Keka Simões – Na época do senhor era a vapor?

José Dutra – Era Maria Fumaça a vapor, a carvão.

Keka Simões – A carvão?

José Dutra – É. À lenha.

Keka Simões – O foguista era quem abastecia?

José Dutra – Foguista.

Keka Simões – Depois o senhor pegou outra máquina sem ser...

José Dutra – Não. Nunca trabalhei na locomoção.

Keka Simões – Não, eu sei. Mas o senhor se lembra de outro tipo de máquina sem ser a vapor?

José Dutra – Ah! Depois veio a diesel, não é?

Keka Simões – Essas locomotivas tinham... Os funcionários que andavam nelas, os maquinistas, punham algum apelido nas máquinas? Elas tinham algum apelido, algum nome?

José Dutra – Não, não. Era Maria Fumaça. [riso]

Keka Simões – Maria Fumaça mesmo, não é?

José Dutra – Ela já veio batizada: Maria Fumaça.

Keka Simões – O senhor já falou um pouquinho do trem de carga. Os vagões eram todos iguais ou tinha vagão diferente?

José Dutra – Não. Vagão de primeira...

⁸⁴ Profissional que vigia os freios dos carros nas linhas das ferrovias.

⁸⁵ Refere-se à locomotiva utilizada pelo Trem da Vale.

Keka Simões – Não, no caso do trem de carga.

José Dutra – Ah! O trem de carga era feito de... Era diferente do de passageiro.

Keka Simões – No trem de carga, por exemplo, tinha vagão fechado, tinha vagão aberto?

José Dutra – Não. Só duas portas: uma de cá e outra de lá. Só duas portas. Da metade para lá... No meio do carro... Era assim.

Keka Simões – Quem fazia a limpeza dos vagões e dos carros?

José Dutra – Quando chegava aqui, o pessoal da locomoção... Do destacamento. Tinha gente para fazer isso.

Keka Simões – Era feita a cada vez que chegava?

José Dutra – Ah, é! Fazia, lavava.

Keka Simões – O senhor se lembra em quais dias e horários o trem chegava e partia?

José Dutra – Não. Tinha diversos horários, não é? Diversos. Por exemplo, aqui em Mariana tinha... Para Belo Horizonte tinha um trem que saía de manhã. Ia. Vinha de lá para cá. Outro saía à tarde, vinha outro à noite. Eram dois para lá e dois para cá.

Keka Simões – Certo. E tinha algum sinal que indicava a chegada e a partida do trem?

José Dutra – Tinha sim.

Keka Simões – Que sinal era esse?

José Dutra – Dava o sinal... Tinha o sinal lá: se o sinal está aberto, vem trem; se está fechado...

Keka Simões – Esse sinal era pintado? Como era?

José Dutra – Não. Era no arame. Você puxava aqui: o sinal fechou... O sinal estava assim⁸⁶, aqui está aberto. Puxava, ele fechou.

Keka Simões – Fechou. Não tinha nada escrito, nem nada?

José Dutra – Não. Uma parte vermelha. A vermelha é que estava... A verde é que podia passar.

Keka Simões – E à noite, quando estava escuro?

José Dutra – Tinha luz.

⁸⁶ Quando a placa estivesse paralela à linha do trem.

Keka Simões – Ah, tinha luz nesse sinal?

José Dutra – Tinha, tinha, tinha. Se estivesse fechado assim, tinha a luz com o vidro verde. Bem organizado. Todas as estações tinham que ter isso.

Keka Simões – Além desse sinal... Por exemplo, como os moradores da cidade, como os passageiros sabiam que o trem estava chegando ou partindo?

José Dutra – Se você vem passando pela linha, tem um sinal que é bem distante da Estação. Se ele passou: “Uai, vem trem! O sinal está aberto”. Se ele está assim, está aberto; assim, está fechado. Era bem organizado.

Keka Simões – O trem tinha algum apito?

José Dutra – Tinha. Se o trem chegasse e o sinal estivesse fechado, ele tinha que apitar avisando que chegou. Mas só tinha que sair dali depois do agente liberar para ir lá, e o guarda-chave abrir o sinal.

Keka Simões – Algum tipo de apito era específico de um maquinista? Quando era ele, o povo sabia ou não que era Fulano de Tal que estava vindo?

José Dutra – Não, não. Era só puxar ali.

Keka Simões⁸⁷ – Como está o tempo? Está acabando? Vamos dar uma paradinha para trocar a fita, porque a dele está muito boa.

Rafael Santos – Você quer água? Você quer água ou...⁸⁸

Keka Simões – Eder, você quer água?

Eder Melo – Eu vou pegar um café.

[DVD B]

Mateus Brandão – Pode ir Keka.

Keka Simões – Senhor Zeca, o senhor já falou um pouquinho do... Nós falamos aqui de alguns códigos, do apito, não é? O senhor já falou do seletivo. O que é seletivo?

José Dutra – Seletivo? É essa rede que passa com fio. Comunicar pelo... Por exemplo, o agente – hoje não se usa isso mais – ia dar licença para um trem daqui para Ouro Preto. Tinha que dar pelo aparelho, o telégrafo⁸⁹. Mas ele podia também se comunicar com o companheiro dele lá: “Olha. Estou soltando o trem fulano de tal, às tantas horas”. [inaudível]. Pelo seletivo.

⁸⁷ Dirige-se ao produtor Mateus Brandão.

⁸⁸ Dirige-se ao entrevistado.

⁸⁹ Primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

Keka Simões – O seletivo era um tipo de telefone?

José Dutra – É um telefone.

Keka Simões – Só que era interno?

José Dutra – É. Daqui... Mas, antigamente, eles tinham que dar pelo aparelho, pelo telégrafo, batendo o dedinho. [riso]

Keka Simões – Se tivesse algum problema, por exemplo, com o trem: aconteceu alguma coisa com o trem no meio da estrada. Como se comunicava?

José Dutra – Eles... Os maquinistas depois tiveram... Tinham aquele aparelho para ligar no fio para se comunicar com o agente. “Caiu aí em um determinado lugar”. Não tinha... A equipagem toda tinha que carregar um aparelho.

Keka Simões – Todo mundo carregava o aparelho seletivo.

José Dutra – Tinha que carregar o seletivo para se comunicar.

Keka Simões – Quais tipos de problemas ou acidentes podiam acontecer com o trem ou com a linha de trem? O que mais acontecia, em termos de problemas ou de acidente?

José Dutra – Ah, em termos de... Muitas vezes a linha, com muito peso, abria – a pregação⁹⁰ podia abrir, não é? A soca⁹¹ também podia estar meio coisa, o trem balançava muito e caía. Aí caía.

Keka Simões – Isso acontecia muito?

José Dutra – Acontecia sempre, porque a reparação da linha era muito... Passava muito trem, apesar dos trabalhadores de linha estarem ali sempre dando aquela assistência. Mas sempre tinha esse negócio mesmo.

Keka Simões – No caso de ter algum problema, algum acidente, como era feito o socorro do trem ou dos passageiros? Como se chegava até lá?

José Dutra – Quando dava um acidente, um descarrilamento, eles se comunicavam com o destacamento pedindo socorro. Sempre tinha uma máquina com o pessoal para ir. Mas, às vezes, dava... O maquinista tinha um prazo para tentar. Pelo menos por duas vezes caiu comigo, de Furquim para cá. Eu como passageiro, não é? E chegou... O Luis Bastos estava apavorado no telefone. Eu falei: “Ô, Luis Bastos, escuta aqui. Isso não é trem⁹² para ficar

⁹⁰ Operação que é efetuada cravando pregos na linha do trem.

⁹¹ Operação que é efetuada para adensar o material do lastro sob o dormente.

⁹² Trem, neste caso, foi um termo usado em referência ao acidente citado.

afobado assim, não. Não dá para tentar?” Ele falou: “Ah! Mas de que jeito?” “Não, vamos tentar. Você já pediu, não pediu? Eles estão arranjando socorro para vir. Mas vamos tentar”. Duas vezes... Eu, como passageiro, vi ser dispensado o... Tornar a encarrilhar. Porque eu era meio artista, não é? Eu tentava também. Porque eles davam... Eles: “Ô, Zeca Dutra! Você pode nos ajudar aqui?” Não era repartição minha, mas eu ia. Companheirismo de serviço.

Keka Simões – Faziam-se vistorias e inspeções na linha ou no trem?

José Dutra – Ah, na linha, tudo!

Keka Simões – Quem fazia? Quem era o responsável?

José Dutra – Na linha tinha a turma da conserva que tomava... Fazia... Eu, pelo menos, trabalhei na linha quando entrei: eu corria, rondava, ia lá no fim da coisa, trocava o bastão e voltava.

Keka Simões – Ah, trocava o bastão! Como é essa história do bastão?

José Dutra – O bastão... Por exemplo, a turma de Passagem está lá; vinha um rondante⁹³ de Passagem com um bastão, da turma dele, e ia outro daqui; chegava lá e trocava. Ele trouxe o bastão da turma dele e eu tinha que trazer para cá e ele levava o da... Quando era à tarde, tinha que destrocá-lo. Era bem organizado.

Keka Simões – Esse bastão era de cor diferente? Como era?

José Dutra – Não, ele era de... De madeira assim... Nós trocávamos isso.

Keka Simões – Não tinha nada que marcasse que era o bastão de Mariana ou de Passagem?

José Dutra – Não, estava na turma.

Keka Simões – Estava escrito.

José Dutra – A turma de Passagem. Eu pegava o bastão e trazia para aqui. O meu, ele levava para lá. Eu trabalhei na ronda... Aqui, eu peguei tudo aí, fiz, eu comecei da linha.

Keka Simões – Pois é. O senhor conhece tudo no trem, não é?

José Dutra – Comecei na linha, na turma de barreira. E a turma de barreira então... O mestre-de-linha era um português, Senhor Figueiredo, e morava aqui. Ele vinha conosco para aqui e de manhã chegava na turma. Nós

⁹³ Trabalhador que executa a ronda, serviço da Via Permanente, para verificação de ocorrências que ponham em risco a circulação dos trens.

estávamos em Ribeirão⁹⁴... Todo mundo tinha que estar com a comida e tudo pronto. Um dia, ele chegou lá e falou assim: “Eu vou deixar um para ficar na cozinha aí”. O Figueiredo, aquele sistema dele meio... Aí, [inaudível] um falou: “Ô, Seu Figueiredo! Deixa Zeca Dutra ficar na cozinha”. Eu tinha um irmão que estava aqui; nós entramos juntos. Eu já tinha feito o meu almoço e o dele, tudo pronto; já estávamos no jeito de irmos embora. Aí ele falou assim comigo: “Zeca Dutra. Quem é Zeca Dutra?” “Ô, Zeca! O mestre está querendo te conhecer”. Eu cheguei: “O senhor quer falar comigo?” “Quero, quero falar. Aqui, você faz a sua bóia⁹⁵ e a do seu irmão, não é?” “Faço.” “Eu vou deixar um hoje aí e a turma está pedindo para te deixar.” “É serviço, não é, Seu Figueiredo?” “Você faz o almoço e leva lá; na hora do café, você volta.” “Sim.” “Lá na turma de barreira”. Fiz, foi aquele pau⁹⁶! Mandou pregar dois pregos para pôr o caldeirão dependurado e comecei a fazer. E em toda turma – eu saía de uma e chegava na outra – já estava tudo combinado com o feitor para me pôr na cozinha. [riso]

Keka Simões – Para fazer a comida, não é? [riso]

José Dutra – Comida para...

Keka Simões – Voltando à Estação, os passageiros se despediam de quem ia viajar na plataforma?

José Dutra – Na plataforma. O agente podia deixar entrar. Uma vez que se comportasse direito, que não fosse complicar, o agente não podia... “Não! O senhor não pode entrar!” “Mas o meu pai vai... Minha esposa vai viajar, meu marido vai viajar”. Tinha que entrar sim, e despedia deles na hora em que saísse. Aí tornava a voltar; você vinha embora.

Keka Simões – O trem só pegava passageiro nas estações ou em algum outro lugar?

José Dutra – Não, só nas estações. Tinha ponto de distância, que uma estação era muito grande⁹⁷, eles faziam uma parada. Aquela parada era uma coisa ali, aquele pessoal de pertinho ficava ali, o maquinista chegava, parava e ele embarcava. Agora, o chefe-de-trem vinha e cobrava a passagem.

Keka Simões – Cobrava desses.

⁹⁴ Ribeirão do Carmo.

⁹⁵ Comida.

⁹⁶ No sentido de que foi complicado.

⁹⁷ O entrevistado provavelmente quis dizer quando havia uma distância muito grande entre duas estações.

José Dutra – Cobrava deles.

Keka Simões – Tinha algum regulamento que os passageiros tinham que seguir no trem?

José Dutra – Comportar direitinho dentro do trem para não perturbar os demais passageiros.

Keka Simões – E tinha algum tipo de comércio dentro do trem?

José Dutra – Ah, uns... Por exemplo, de Belo Horizonte a Ponte Nova tinha os vendedores de coisa dentro do trem. Mas saíam de Belo Horizonte... Eram autorizados para vender.

Keka Simões – Mas eram ambulantes...

José Dutra – Ambulantes, que vinham vender dentro do trem. Tudo combinado com o movimento.

Keka Simões – E na Estação, tinha algum tipo de comércio?

José Dutra – Podia ter um café. Se quisesse, qualquer pessoa podia combinar e pôr um café.

Keka Simões – Aí era um particular que punha.

José Dutra – Põe o café com a mesa, tudo direitinho, arrumadinho. Em diversas estações nós tínhamos café.

Keka Simões – Os passageiros faziam algum tipo de reclamação? Sobre o trem, alguma coisa... O povo reclamava de alguma coisa?

José Dutra – Não, o passageiro viajava e... Quando caía, tudo... Ocorre mesmo e tem que esperar vir outro expresso, sair daqui... Por exemplo, em Mariana, pega um carro aí qualquer e fala: “Ah! Vamos buscar os passageiros do trem que está caído em tal lugar assim”. Eles chegavam lá, pegavam e traziam.

Keka Simões – Certo. Em algum dia da semana o movimento na Estação era maior?

José Dutra – Domingo.

Keka Simões – Por quê?

José Dutra – Ah! Todo mundo queria vir passear na Estação. Não era só na Estação de Mariana. Em todas essas estaçõezinhas tinha...

Keka Simões – Tinha muito movimento.

José Dutra – Por exemplo, Furquim ficava assim de gente⁹⁸! As moças todas vinham passear, não é?

Keka Simões – Em alguma época do ano aumentava o número de passageiro?

José Dutra – Na ocasião do congoneiro⁹⁹.

Keka Simões – Congoneiro?

José Dutra – Congonhas. Ficava assim, ó! Tinha que aumentar carro, Nossa Senhora! Quando solteiro, todo ano eu ia para Congonhas.

Keka Simões – Ia? O senhor pegava o trem?

José Dutra – Pegava.

Keka Simões – É? E aí ia muita gente?

José Dutra¹⁰⁰ – Não, é porque eu já fui muito ativo mesmo. Toda vida eu cuidei da minha obrigação corretamente. Tanto que papai morreu e eu assumi o comando da casa. Depois, com tempo, me casei. Assumi o caderno¹⁰¹ de Furquim, de mamãe, e o meu daqui.

Keka Simões – Mas nessa festa dos congoneiros, a que o senhor ia antes de se casar... Como era no trem? Ia muita gente?

José Dutra – Aumentava passageiro, o carro também.

Keka Simões – Mas o povo ia comportadinho?

José Dutra – Não, era bagunça mesmo! Congoneiro! [riso]

Keka Simões – O que eles faziam? Cantavam? Como era?

José Dutra – Ia lá para... É que tem gente bagunceira mesmo!

Keka Simões – O senhor se lembra de ter tido algum problema, algum tipo de passageiro que criava dificuldade no trem? Já teve caso assim?

José Dutra – Ah, já teve! Passageiro, às vezes, bebia e... Dava, dava sim.

Keka Simões – E como se resolvia o problema?

José Dutra – O chefe-de-trem tinha que entrar em um acordo; se a pessoa não concordasse, punha para fora do trem. Tinha que fazer justiça, o certo. Falava: “O senhor, como passageiro, se quiser seguir comportando corretamente, vai; se não quiser...” Eu mesmo... Nós estávamos voltando de Furquim para cá, eu

⁹⁸ O entrevistado faz um gesto com a mão indicando um grande número de pessoas.

⁹⁹ Nome dado ao fiel que, em setembro, se dirigia ao Jubileu de Nosso Senhor do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas do Campo, município de Minas Gerais. Por Congonhas do Campo passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁰⁰ O entrevistado não respondeu à pergunta.

¹⁰¹ No sentido de assumir o encargo financeiro.

junto com passageiro encrencando lá dentro. Eu fui e falei com chefe: “Não tem condição! Vai conversar com aquele homem, porque ele não está respeitando a família de ninguém!” O chefe veio e falou assim: “Vou parar o trem e você vai descer”. Ah! Tinha, tinha que...

Keka Simões – Aí ele se comportou?

José Dutra – Comportou. Muitos fazem por... Eu, não! Não, eu gostava de... Oh, gente! Eu viajei demais nessas coisas aí, Nossa Senhora!

Keka Simões – O senhor falou que viajou demais. De algum local ou paisagem o senhor gostava na sua viagem? Algum lugar especial que o senhor achava bonito?

José Dutra – Não. Eu vinha de Furquim para Mariana, de Furquim para Rio Acima¹⁰², esse trecho todo. Eu gostava de... Em todas as estações eu saía um bocadinho. [riso]

Keka Simões – O senhor já falou do Hotel Silva, não é? Tinha mais algum hotel, restaurante, alguma coisa em volta da Estação de Mariana?

José Dutra – Tinha a pensão do Lico Gato¹⁰³ ali...

Keka Simões – Lico...?

José Dutra – Lico Gato. Aquela casa da esquina. E tinha a pensão de Dona Ritinha¹⁰⁴, que era lá na Ponte de Tábua¹⁰⁵.

Keka Simões – Essas pensões... O pessoal que viajava no trem era quem usava?

José Dutra – Usava, é.

Keka Simões – E restaurante?

José Dutra – Tinha. Tinha... Depois o Vicente¹⁰⁶ criou o Hotel Muller ali, ficou... Aí nós tínhamos um hotel para esses viajantes que vinham de Belo Horizonte e tudo, não é? Um hotel muito bem montado. Dona Geralda¹⁰⁷ era até minha comadre.

Keka Simões – O senhor se lembra de o trem trazer, para Mariana, alguma autoridade importante?

¹⁰² Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁰³ O entrevistado não mencionou o nome.

¹⁰⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁰⁵ Nome dado pelos moradores de Mariana à Ponte Alphonsus de Guimaraens.

¹⁰⁶ Vicente Müller, proprietário do hotel citado.

¹⁰⁷ Geralda Müller, esposa do proprietário do Hotel Muller.

José Dutra – Ah, já teve! Já veio.

Keka Simões – É? Aí o trem vinha enfeitado, vinha de forma diferente ou não?

José Dutra – Fazia tudo.

Keka Simões – O quê?

José Dutra – Na política fazia-se tudo, não é? Para você ver, a política de hoje, para pôr propaganda tem que ter muito cuidado. Eu tenho um menino¹⁰⁸ aí, [inaudível]: “Ô, pai! Eu vou pôr uma...” “Olha aqui. Tem que pesquisar, porque o juiz que está aí é bom de serviço e está...” Agora eu já notei que ele foi pôr no fundo lá; cá na frente, não. Cá na frente, o muro não é nosso. O muro é nosso, mas a rua não é nossa. A rua é da comunidade.

Keka Simões – No caso de antigamente, o senhor falou que se fazia de tudo. Na hora em que a autoridade chegava, o que acontecia? Tinha alguma festa na Estação?

José Dutra – Ah, fazia!

Keka Simões – Como era essa festa?

José Dutra – Vinha banda, vinha receber tudo. Era organizado.

Keka Simões – Punha palanque?

José Dutra – Tudo! Fazia a festa mesmo. Agora, hoje mudou tudo, não é?

Keka Simões – O senhor se lembra de alguém que veio? Alguém que o senhor guardou na memória?

José Dutra – Aí eu não lembro. [riso]

Keka Simões – Não?

José Dutra – Eu participava, mas não estou lembrando.

Keka Simões – Alguma festa especial era feita pelos senhores ou para os senhores que trabalhavam na ferrovia? Tinha alguma coisa que vocês comemoravam especialmente?

José Dutra – Não, na ferrovia aqui... Uma das festas que foram feitas aqui... Foi só na inauguração do posto médico, que foi criado ali no dormitório, não é?

Keka Simões – Aí teve uma festa?

José Dutra – Ah, nossa! A banda veio, eu trouxe uma banda aí. Um jantar no Hotel Muller [inaudível] que... Eu fui um bocadinho chato. [riso] Eles queriam:

¹⁰⁸ Filho.

“Não. Vamos pôr Zeca Dutra no meio desse negócio para poder nos ajudar”. É tudo de acordo com... Que não fosse prejudicar os outros.

Keka Simões – O senhor falou que parou de trabalhar na ferrovia em 1983...

José Dutra – Onze de março de 1983.

Keka Simões – O senhor se aposentou?

José Dutra – Aposentei.

Keka Simões – Entendi. E...

José Dutra – Aqui, 11 de março de 83. O quadro da Rede estava com muita gente. O presidente da Rede deu um prêmio – seis meses de pagamento – para aquele que se aposentasse. Eu já estava com [inaudível] eu entrei nesse. Eu me aposentei morando naquela casa onde estou hoje. Depois é que resolveram querer me tirar de lá. Aí eu acabei... Com Dom Luciano... Eu tive um telefonema de Brasília e dois do Rio, porque, como político, eu toda vida fofoquei muito. E acabaram [inaudível] manter a casa. Ainda hoje eu fui ao Cartório de Registro de Imóveis, porque está tudo complicado aí: sujeito arrematou casa na licitação [inaudível], sujeito arrematou casa, está pagando e está doando... Também hoje a nossa política está muito contaminada, não é? Ah, o mensalão! [riso]

Keka Simões – Quando a ferrovia foi paralisada, o senhor já tinha se aposentado?

José Dutra – Já.

Keka Simões – Qual foi o sentimento do senhor quando parou tudo?

José Dutra – A ferrovia parou porque privatizou. Hoje a ferrovia nossa aqui é a Ferrovia Centro-Atlântica, Belo Horizonte. Com a Vale¹⁰⁹, com a participação da Vale aí... Eu não acredito que isso vá ficar nisso; para mim, a ferrovia tem que voltar para tudo. O nosso minério que foi transportado por aqui para Vitória¹¹⁰... Isso tem que voltar, porque hoje a nossa rodovia virou cemitério. A quantidade de gente que morre ao sábado e domingo é triste, não é? Mas tem que... Uma carreta com quantas toneladas? Não tem asfalto que agüenta. Eu vejo... Toda vida eu fui um chato mesmo! Toda vida... O meu chefe de serviço gostava de trabalhar comigo porque o que eu via que estava errado eu falava

¹⁰⁹ Companhia Vale do Rio Doce.

¹¹⁰ Capital do Espírito Santo, por onde passava um trecho da Linha do Litoral, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

com ele, sozinho. Nós dois sozinhos. [riso] Hoje, por exemplo, esse asfalto não agüenta; essas carretas, com tantas toneladas, quebram tudo. Não tem condição! Agora o Aécio¹¹¹ está trabalhando bem, mas... Até agora eu tenho o Aécio para votar. [riso]

Keka Simões – Para o senhor, o trem deixou saudade?

José Dutra – É, eu tenho... Toda vida eu trabalhei e gostei... Fui muito companheiro com os companheiros, ajudei muito, ajudei demais. Por exemplo, para quantas pessoas eu arranjei lugar? Aí eu cresci... “Vai, ô Zeca Dutra...” Em Belo Horizonte, eu entrosava com aquele pessoal, tudo, constantemente. Então, eu fui um dos ferroviários que movimentou demais.

Keka Simões – O que o senhor acha deste trabalho que a gente está fazendo para o Trem da Vale? A Estação, a gente aqui... Qual é a opinião do senhor sobre o que está acontecendo agora?

José Dutra – A linha ficou de primeira¹¹², para mim. Agora eu vi assim... O movimento de turismo, de Mariana para Ouro Preto e vice-versa, é um negócio que pode... Eu nem sei o preço que eles cobram [riso] [inaudível]. Mas isso não vai ficar nisso. Para mim a ferrovia vai lá em Vitória por aqui. Eles vão reformar isso tudo, porque o transporte mais barato que nós temos é o ferroviário. O transporte rodoviário, com essas carretas com essas toneladas... É excesso de tonelada para um asfaltozinho assim agüentar. Não, não, tem que acabar mesmo. É o que está acontecendo, gente morrendo todo dia, não é?

Keka Simões – O que o senhor achou de vir aqui e dar uma entrevista para a gente? O senhor gostou, não gostou?

José Dutra – Eu tenho muita honra de ser entrevistado. [riso]

Keka Simões – Então é isso, Senhor Zeca. A sua entrevista foi muito boa...

José Dutra – Boa.

Keka Simões – Vai nos ajudar muito, para guardar a história da cidade também. Então...

José Dutra – Aí! Gostei demais daquele serviço que vi na caixa d’água... A água em Mariana, até hoje eu considero calamidade. Nós precisamos de uma

¹¹¹ Aécio Neves, Governador de Minas Gerais de 2002 a 2006, reeleito para um novo mandato.

¹¹² De primeira categoria, de excelente qualidade.

água tratada. Deixa ver se eu tenho um negócio aqui para te mostrar. Porque Zeca Dutra [inaudível].¹¹³ Ui!¹¹⁴

Keka Simões – Cuidado!

José Dutra – Olha esse aqui...¹¹⁵

Keka Simões – O senhor tem que ficar sentado lá. Ele está filmando.

José Dutra – Ui! [risos]

Keka Simões – Não pode levantar.

José Dutra – Esse aqui é com referência às casas que foram em licitação pública – a pessoa arrematar e depois vir os trambiques atravessando, atravessando. Duas casas daqui de Mariana, e nós temos muitas outras aí. Mas não é esse papel que eu tenho para te mostrar do negócio da água. Quer ver...

Keka Simões – Depois o senhor me mostra o da água...

José Dutra – Ah, sim!

Keka Simões – Senão atrasa tudo aqui. A gente conversa depois sobre a água.

José Dutra – Está certo.

Keka Simões – Em nome do Trem da Vale, eu gostaria de agradecer ao senhor.

José Dutra – Em nome do Trem da Vale.

Keka Simões – O seu depoimento vai ficar na biblioteca¹¹⁶ para a meninada poder pesquisar sobre o trem.

José Dutra – Está certo. A Vale, eu admiro a Vale. É uma das companhias de maior potência que eu conheço. Para você ver, esse minério nosso vai para onde?

Keka Simões – Para o mundo inteiro.

José Dutra – Para o Japão, ficar lá embaixo d'água. [risos] Eu tenho dois filhos e um genro na Vale. Eu tenho um filho que trabalha em Vitória, que está doído para trazer... Vitória eu conheço, já estive em Vitória em uma ocasião, em um congresso nosso. Vitória é... Tem uma violência bem avançada, viu?

¹¹³ O entrevistado tira do bolso vários papéis e começa a analisá-los.

¹¹⁴ O entrevistado levanta-se da cadeira e se choca com o microfone.

¹¹⁵ O entrevistado levanta-se da cadeira e toma a direção da entrevistadora Keka Simões para lhe entregar um papel.

¹¹⁶ Biblioteca Infante-Juvenil da Estação Ferroviária de Mariana.

Keka Simões – É. Não é fácil, não.

José Dutra – Ele é um colosso, um sujeito inteligente. E agora está dando demonstração de querer vir embora.

Keka Simões – Pois é, uma hora ele vem. Obrigada, então, Senhor Zeca.

José Dutra – Ele ficou me vigiando demais¹¹⁷!

Keka Simões – Ele gostou tanto da entrevista que esqueceu que estava dando entrevista. Levantou...

[Término da entrevista]

¹¹⁷ Refere-se ao monitor da gravação, Rafael de Almeida Santos.